

PRODUÇÃO CIENTÍFICA

PARA UMA CIÊNCIA MAIS DIVERSA, PRECISAMOS CONSTRUIR PORTÕES MELHORES

Fernanda Andrade e Fernanda Mariath

A ciência e os cientistas dependem de muitos *gatekeepers* ao longo de seus processos. Dentre pesquisar, publicar e comunicar, há portões se abrindo e fechando, decidindo quem fará parte e será reconhecido pela comunidade científica. Um dos mais constantes na trajetória de pesquisadores são os pareceres, parte de um sistema de avaliação e validação, que também determinam quem pode permanecer e avançar na carreira. Esse sistema é mais desafiador para as cientistas mulheres do que para os homens. Para nós, isso ficou em evidência logo no início de nossas carreiras. A avaliação desigual de mulheres em pareceres científicos não é algo pontual e isolado, mas sistemática e parte da nossa cultura científica.

No início de 2023, ingressamos no mestrado na Unicamp. Enquanto Andrade chegou buscando investigar como as cientistas mulheres ocupam os noticiários – e, conseqüentemente, influenciam ou não a forma como as pessoas enxergam a ciência no Brasil –, Mariath iniciou questionando como sexo e gênero aparecem nas pes-

quisas com células-tronco, trazendo questões feministas para pressupostos da pesquisa biomédica. Duas pesquisas, portanto, na intersecção de gênero e ciência. Ambas submetemos materiais das nossas pesquisas para avaliação por parecer.

Após um tempo mais longo que o usual entre a submissão e a resposta, Mariath recebeu quatro pareceres: três elogiosos e favoráveis, e um questionando o seu currículo e o projeto como um todo, desde a originalidade ao seu encaminhamento. O parecer negativo, além de contraditório aos outros três, aproximou-se mais de uma invalidação do projeto do que uma crítica à melhora do mesmo.

A resposta negativa com pareceres contrastantes também foi a experiência da Andrade. O primeiro, positivo e motivador, destacou a contribuição e relevância do projeto para a área. A segunda avaliação, por sua vez, questionou a pertinência da pesquisa com afirmações preconceituosas sobre o papel das mulheres na ciência, questionando o impacto de seu trabalho na comunidade científica. Segundo o parecer, o campo da ciência no Brasil é dominado por homens e isso “explicaria” por que vemos poucas mulheres falando sobre seu trabalho na mídia.

Os últimos resultados de pesquisas na área, no entanto, mostram uma realidade diferente: as mulheres representam metade dos cientistas do Brasil (Bori; Elsevier, 2024) e os estudos de pesquisadores homens e mulheres têm a mesma média de impacto no país (Elsevier, 2017).

Percebemos a semelhança das nossas experiências e também tomamos consciência de mulheres que passaram por experiências similares com *gatekeepers*. Caso da profa. Maria Carlotto, professora e pesquisadora da Universidade Federal do ABC (UFABC). Em dezembro de 2023, Carlotto ouviu que “*suas gestações atrapalharam*” seu trabalho ao receber um parecer negativo para uma bolsa de produ-

tividade do CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico).

O caso ganhou repercussão nacional quando a professora expôs a situação nas redes sociais, mobilizando a imprensa e entidades de apoio à inclusão na ciência, como o *Parent in Science* – movimento que defende a parentalidade no contexto da ciência brasileira. Após a visibilidade, o próprio CNPq reagiu ao caso, tornando obrigatório que o período de avaliação da produtividade dos cientistas seja estendido em dois anos para cada parto ou adoção. Além disso, sugeriu a criação de comitês e códigos para garantir a ética no processo de avaliação dos pesquisadores.

Considerando que a ciência é permeada por desigualdades – do acesso à prática até às informações científicas – o sistema de pareceres faz parte, replica e mantém essas assimetrias. Precisamos questionar a estrutura e o sistema por trás desse padrão que parece se estabelecer contra a entrada e a permanência das mulheres na ciência, quem está do lado de dentro controlando esses portões e quais vieses, visões e perspectivas constituem essas passagens.

Historicamente, os homens brancos têm um lugar de privilégio na ciência, ao passo em que mulheres e outros grupos minoritários são sub-representados, principalmente, em cargos de poder. Esse fenômeno reforça a imagem do homem como figura tradicional de ciência e cientista. As mulheres, por sua vez, não são culturalmente associadas ao universo da ciência. Assim, ao passar por um processo avaliativo como o parecer, as pesquisadoras são julgadas sob essa ótica, a lente da ciência masculina. Como resultado dessa perspectiva homogênea e tradicional, os pareceres científicos carregam estereótipos e desigualdades, desfavorecendo de forma sistemática as mulheres e seu trabalho. O impacto desse fenômeno é que os homens continuam a receber o prestígio que sempre receberam de forma contínua e retroalimentada, inclusive no imaginário social, e o ciclo começa novamente.

A manutenção constante do homem como a figura científica impede e atrasa o desenvolvimento de uma ciência mais inclusiva, justa e em diálogo com a sociedade. Isso também significa uma ciência com lacunas, isolada dos demais grupos sociais, seus problemas e questões.

Dentre os muitos caminhos que existem para enfrentar esse problema, um dos mais importantes é o fomento à diversidade e inclusão nos cargos científicos – especialmente aqueles relacionados à gestão. E este é um momento particularmente proveitoso para refletir, questionar e cobrar diversidade: enquanto este texto está sendo escrito, os cientistas, tomadores de decisão, governantes e outros atores da sociedade estão se mobilizando para a 5ª Conferência Nacional de Ciência, Tecnologia e Inovação (5ª CNCTI). A CNCTI concentra as principais discussões sobre política científica do país, definindo as políticas públicas e os rumos da área para a próxima década. Além da inclusão da diversidade para que as mulheres possam ser julgadas de forma justa e responsável pelo seu trabalho na ciência, uma boa solução é também a criação de comissões técnicas para que casos preconceituosos e desrespeitosos possam ser devidamente detectados, enfrentados e corrigidos.

Outro caminho necessário – e atingível – é a criação de indicadores que possam mensurar a diversidade dos cientistas no recebimento de recursos e também avaliar o processo dos pareceres, com objetivo de observar lacunas possíveis no acesso a recursos por mulheres e demais grupos, além de garantir a transparência e condução ética nos processos. O apoio de políticas científicas inclusivas é crucial para que esses grupos possam resistir aos desafios da ciência e seus processos em agências de fomento e outros órgãos ligados ao processo avaliativo de cientistas. Essas políticas devem prever a garantia de princípios de igualdade nos pareceres científicos, além de medidas a serem tomadas em casos de discriminação. Se queremos mudança na cultura e comunidade científica, precisamos construir portões melhores!

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA BORI; ELSEVIER. Em direção à equidade de gênero na pesquisa no Brasil. Agência Bori, 2024. Disponível em: <https://abori.com.br/relatorios/em-direcao-a-equidade-de-genero-na-pesquisa-no-brasil/>. Acesso em: 28 out. 2024.

CNPq usa gravidez como justificativa para reprovar professora da UFABC em edital de pesquisa. **G1**, 27 dez. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2023/12/27/cnpq-usa-gravidez-como-justificativa-para-reprovar-professora-da-ufabc-em-edital-de-pesquisa.ghtml>. Acesso em: 28 out. 2024.

ELSEVIER. **Gender in the Global Research Landscape**. Sumário Executivo. Elsevier, 2017. Disponível em: <https://www.elsevier.com/insights/gender-and-diversity-in-research/research-landscape-2017>. Acesso em: 28 out. 2024.

MASSARANI, Luisa; CASTELFRANCHI, Yuri; PEDREIRA, Anna Elisa. Cientistas na TV: como homens e mulheres da ciência são representados no *Jornal Nacional* e no *Fantástico**. **Cadernos Pagu**, n. 56, 2019. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332019000200505&tlng=pt. Acesso em: 28 out. 2024.

MERTON, R. The Matthew Effect in Science: the reward and communication systems of science are considered. **Science**, v. 159, n. 3810, p. 56-63, 5 jan. 1968. Disponível em: [The Matthew Effect in Science | Science](#). Acesso em: 27 out 2024.

NIELSEN, Mathias Wullum *et al.* Gender diversity leads to better science. **PNAS**, 114(8), p. 1740-1742, 21 fev. 2017. Disponível em: [Gender diversity leads to better science | PNAS](#). Acesso em: 30 out. 2024.

RIGHETTI, Sabine. Mulheres produzem metade da ciência nacional, mas poucas falam sobre seus trabalhos. **NSC Total**, 29 maio 2020. Disponível em: <https://www.nsctotal.com.br/noticias/mulheres-produzem-metade-da-ciencia-nacional-mas-poucas-falam-sobre-seus-trabalhos>. Acesso em: ago. 2024.

VICK, Mariana. A mudança no CNPq para avaliar pesquisadoras mães. **Nexo Jornal**, 9 jan. 2024. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/>

expresso/2024/01/09/a-mudanca-no-cnpq-para-avaliar-pesquisadoras-maes. Acesso em: 28 out. 2024.

VOGT, Carlos. A espiral da cultura científica. **ComCiência**, 10 jul. 2003. Disponível em: <https://www.comciencia.br/dossies-1-72/reportagens/cultura/cultura01.shtml>. Acesso em: 28 out 2024.

ZANINI, Fábio. Painel: Parecer do CNPq diz que gestações atrapalharam formação acadêmica de professora. **Folha de S. Paulo**, 2024. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/painel/2023/12/parecer-do-cnpq-diz-que-gestacoes-atrapalharam-formacao-academica-de-professora.shtml>. Acesso em: 28 out. 2024.